

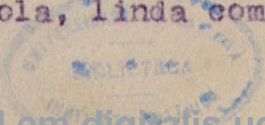
P R E F Á C I O

Após uma vida de constantes baldões, de sofrimentos morais sem conta, de verdadeira miséria, por vezes, perguntaram um dia a Pestalozzi o que é que êle mais ambicionava. Como recompensa de seus esforços em prol da educação popular, ter-lhe-iam dado, por certo, lugar rendoso e socegado, que lhe permitisse viver em paz o resto de seus dias. E o velho professor, que tinha como ninguem o vício de ensinar, respondeu, com lágrimas de alegria a borbuharem nos olhos: "Quero ser Mestre-escola".

No meio dêste século de um sórdido materialismo, acotovelado incessantemente pelos que disputam, numa luta feroz, o pão de cada dia, uma só ambição me consome: Ser professor.

Nem as vãs glórias do mando, nem o poderio do ouro me fascinaram ainda. E sinto que nenhuma outra actividade social poderia dar-me uma parcela sequer daquele sagrado entusiasmo, daquela alegria infinita que se apodera de mim quando vejo diante um curso, suspense das minhas palavras, e me é dado assistir, naqueles olhos fitos nos meus, ao desabrochar da Ideia.

Idealista - e cioso dêste bemdito idealismo, que quero guardar como um tesouro do bafo malfazejo dos scépticos - toda a minha alma se arrepia, dolorida, ao contacto confrangedor da realidade. Deixei voar a imaginação pelo espaço largo do pensamento, e sonhei uma Escola, linda como palácio encantado de conto de fadas.



2

Olhei depois á minha volta, rememorei as escolas da minha juventude, tristes como conventos, frias como cárceres. E senti-me na obrigação de alguma coisa tentar pela geração de amanhã.

Aí vai o lindo sonho que sonhei. Quantos se rirão dos meus ingénuos idealismos? Consolo-me, ao menos, pensando que, se não fossem os idealistas de todos os tempos, ainda hoje ensinaria nas nossas escolas o venerável Thubal Holoferne.

Coimbra, Setembro de 1921.